

PEQUENO BALANÇO

“Meu filho, eu tenho um rapaz de 23 anos de idade, tem o primeiro grau e não consegue arranjar emprego”. É uma das falas de um dos moradores da Sussuarana 9, em entrevista ao programa Balanço Geral de 14 de fevereiro de 2002.

Trata-se de um programa feito basicamente em estúdio, a partir de uma oferta que bate à porta “do Varela”, diariamente. De um modo geral, a oferta é feita de queixas que se apresentam como casos individuais. São problemas relativos à saúde, ao não cumprimento de contratos, maus tratos na família, violência policial, reclamações contra escolas etc.

Em 14 de fevereiro, a produção do programa realizou uma reportagem, fora do estúdio, em Sussuarana 9. Ali estava um repórter que, ao vivo, dialogava com a população e com Varela.

Enquanto um pai se queixava pela falta de emprego para o filho que tem primeiro grau, outros moradores disputavam o microfone para mostrar outras carências: estão roubando até os fios de telefone para vender; precisamos de melhoramento no bairro.

Ao mesmo tempo em que os populares falam, são mostradas imagens daquele coletivo. Naquele caso, a fala de cada um é construída como representação do todo. Esse efeito pode ser percebido pela expressão de consentimento dos outros moradores, mostrada na TV. O sujeito deixa de ser um indivíduo, passa a ser o bairro.

O bairro precisa “indireitar”, tem que ter “posto médico, posto policial”, tem que acabar com as muriçocas. E os populares ocupam o espaço televisivo para reivindicar: o que está acontecendo aqui é um vandalismo. Todo mundo aqui está pedindo apoio. Temos uma vida cruel. Dá para viver com toda essa garotada sem ter o que fazer? Tem um colégio até a terceira série primária. Queremos solução!

Enquanto todos pedem solução, especialmente, as crianças fazem um coro em frente

à câmera. O condutor do programa pede que sejam mostrados os pés descalços daquelas crianças e diz: enquanto não tiver saneada, a cidade vai ter verminose. Fecha a matéria com um cartão vermelho para aquela situação.

Mas a tônica principal do programa de Varela é marcada pela presença individual, em estúdio, de um sujeito que porta uma queixa específica. O cenário deixa de ser um lugar em que se mora e passa a ser o próprio corpo do sujeito, sua presença, seus papéis, suas provas. Não é incomum a entrada em cena de coadjuvantes que são pessoas que atuam como testemunhos. Eles reforçam o discurso do “dono da queixa”, alegando que estão sempre a ver a situação em foco, produzindo um texto que lembra um refrão.

Aquelas queixas, construídas dentro de uma perspectiva individual, poderiam ser abordadas como problemas coletivos. Um exemplo disso foi a mãe que, também no dia 14 de fevereiro, queixou-se de que seu filho, de 14 anos de idade, havia sido atropelado por uma caminhão.

De acordo com a fala da mãe, o motorista, em seu depoimento à polícia disse que a vítima havia sofrido um arranhãozinho, entretanto está com problemas sérios, tendo que ser medicado com fibrase e não há como pagar a medicação.

Aquela mãe precisava de atenção médica e jurídica, duas carências que são constantes junto à população mais pobre de Salvador. Aquele drama do adolescente, acidente de trânsito, tem sido a causa de aproximadamente 25% das mortes por violência em nossa cidade.

Assim, é bom lembrar que os problemas coletivos estão expressos nas manifestações individuais. É justamente pelo fato de que são inúmeras as ocorrências que programas como Balanço Geral existem.